

## Apresentação

### Dossiê Desinformação & Fake News



Thais de Mendonça Jorge

10.31501/esf.v1i29.15074

Podemos dizer, como Bioy Casares (2010, p. 7) em 1940, que o tema da desinformação é “velho como o medo”. Sem dúvida, a mentira parece seguir um curso, na história da humanidade, em paralelo à trajetória da comunicação. Está em Roma (século I a.C.), quando Otaviano derrubou Marco Antônio à custa de uma campanha de difamação; está no império bizantino (século VI), com as crônicas de Procópio atingindo mortalmente Constantino com informações falsas; está no Vaticano (século XVI), onde o poeta Aretino foi contratado por Médici para divulgar mentiras contra um candidato ao papado; está na Revolução Francesa (século XVIII), quando se publicava toda sorte de boatos contra a rainha Maria Antonieta, num movimento injurioso que acabou levando-a à guilhotina. Mas foi só com a explosão das redes sociais que o ato de mentir voltou à tona, globalizando-se.

“Guerra de narrativas” (Barbosa, 2019), “Fábrica de mentiras” (Pena, 2019), “A máquina do ódio” (Mello, 2020). Não faltam tentativas de qualificar o fenômeno do espraiamento de dados inverídicos nos dias de hoje, situação que chegou à academia sob a forma de uma grande incógnita, um gigantesco ponto de interrogação a pairar sobre a cabeça dos pesquisadores de

---

<sup>1</sup> Doutora; Professora da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil. [thaisdemendonca@gmail.com](mailto:thaisdemendonca@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-7995-7838>



várias áreas como a espada de Dâmocles. Os artifícios da falácia, da boataria e do que se chama popularmente *fake news* atingiram a sociedade e, tão velhos como o medo – junto ou prevalecendo-se dele –, instalaram-se entre todas as classes sociais. Por que e de que maneira isto se tornou uma usina de desinformação, cujo recrudescimento em época eleitoral preocupa povos e governos, estudiosos, cientistas e cidadãos?

O termo desinformação é empregado para classificar ações deliberadas, às vezes orquestradas, no sentido de confundir pessoas por meio da difusão de informações falsificadas, incorretas ou enganosas. Essa máquina pode se originar de aplicativos-robôs, que trabalham na combinação de estratégias cruzadas e envolvendo até mesmo o hackeamento de contas e pessoas. De um lado, existe a potencialização do volume de mensagens, que coloca nas mãos de pessoas ingênuas a capacidade de espalhar dados de todos os gêneros e procedências. De outro, há a intenção manipuladora ou maliciosa de causar dano a uma população, a políticos ou a instituições, o que termina sendo um perigo incrementado pela tecnologia.

No campo da comunicação, em especial no do jornalismo, parece ser uma unanimidade o cuidado com o uso da expressão *fake news*. Embora a negativa “*Se é fake, não é news*” tenha sido empregada como slogan de uma agência de *fact-checking*, a categoria do jornalismo profissional no Brasil e no mundo reivindica o lugar de produção de um serviço que tenta se aproximar da verdade para comunicá-la ao público. Além de um sistema próprio de conferência de dados, jornalistas ligados a um órgão de imprensa têm endereço certo e compromissos contratuais com as pessoas a quem servem. A expressão *fake news* caiu num senso comum negativo, pejorativo quando explorado por políticos inescrupulosos.

Após um trabalho criterioso de avaliação, chegamos à edição 29 da Revista Esferas, cujo dossiê aborda um dos assuntos mais discutidos da atualidade. Os textos aqui selecionados demonstram o vigor da pesquisa acadêmica em torno do assunto Desinformação e correlatos; corroboram a sensação de que temos em cima da mesa um problema dos mais complexos em termos sociais, políticos e econômicos; como também ajudam a elucidar questões políticas, debates, violências, discussões sobre gênero e outros temas necessários ao campo da Comunicação.

Aos esforços em pesquisa dos 45 autores soma-se todo um conjunto de ações de institucionalização da área no campo da Comunicação, na qual a teoria crítica ainda estende seus efeitos benéficos, ao tensionar epistemologicamente, relativizar, comparar cenários, ambientes e situações, o que termina por fornecer ao leitor um panorama vasto dos estudos no momento neste campo da Ciência. Assim, a produção destes artigos demonstra que novas perspectivas, a partir do campo da Comunicação, estão sendo examinadas, como se pode ver pelas propostas deste dossiê da Revista Esferas.

O jornalista e pesquisador João Figueira, da Universidade de Coimbra, organizador da obra *As fake news e a nova ordem (des) informativa na era da pós-verdade* (Figueira & Santos, 2019), abrilhanta o conteúdo da revista. Apresentamos ainda uma produção imagética sobre Necropolítica, de autoria de Rayanne Soares e Juan Pablo Martín Rodrigues, que compõe a seção Visualidades.

O dossiê *Desinformação & Fake News* aborda assuntos de saúde; tecnologias & plataformas; eleições e literacia midiática. A primeira parte do dossiê foi dedicada à relação da

desinformação com a *Saúde*, especificamente aos estudos da pandemia, o que é uma prova de como o coronavírus nos afetou e influenciou a área científica, provocando interessantes reflexões as quais, por sua vez, visam dar uma resposta às inquietações da sociedade.

O artigo que abre o dossiê é **O conceito de desinformação nos estudos de jornalismo brasileiros sobre a Covid-19**, assinado por Marcelo Träsel e Giulia Reis Vinciprova. Ao fazer um recenseamento das fontes usadas por estudiosos do jornalismo num contexto de pandemia, os autores aproveitam para definir o conceito e os termos afins.

Em seguida vêm três trabalhos diretamente relacionados às repercussões da epidemia nas redes sociais: **Narrativas da pandemia: estratégias de comunicação de Bolsonaro no Telegram e no X**, de Francisco Sérgio Lima de Sousa, Márcia Vidal Nunes e João Moura Rocha Sobrinho; **Fontes jornalísticas e estratégias da Aos Fatos na checagem durante a pandemia de Covid-19**, de Paulo Pessôa Neto e Guilherme Carvalho; e **CPI da Covid-19 no Twitter: uma análise da participação de robôs nas discussões e sentimentos observados**, de Anderson Castro Soares de Oliveira, Crysttian Arantes Paixão; Lia Hanna Martins Morita; Renata Chrystina Bianchi de Barros e Eric Batista Ferreira. Nos três, o olhar dos pesquisadores coincide no desconforto trazido por um flagelo transnacional, que no Brasil veio a ter consequências desastrosas tanto em vidas como em sentimentos.

Depois, ainda no tema das políticas públicas ligadas à saúde, alinhamos: **Limites à liberdade de expressão: inquérito das fake news no Supremo Tribunal Federal**, de Carlo José Napolitano, Lucas Catib de Laurentiis e Tatiana Stroppa que, por meio de uma análise da jurisprudência, mostra como o STF, pela primeira vez na história, não entendeu como pertencentes à liberdade de

expressão as informações falsas construídas com a finalidade de desestabilizar o regime democrático; e **Rol da ANS e desinformação social: uma análise das notícias sobre o tema no Brasil**, de Ana Carolina Kalume Maranhão e Carolina Soares Lôbo, cujo teor aborda as decisões da corte suprema quanto aos direitos dos usuários de planos de saúde e sua repercussão na mídia.

Já o artigo **Tecnologização do ambiente digital como facilitador da propagação da desinformação**, de Thiago Henrique de Jesus Silva e Nilsângela Cardoso Lima, observa como as Tics vêm propiciando a divulgação de informações incorretas. Em **Fotografia, informação e desinformação. O realismo fotográfico no campo da comunicação**, Thaís de Mendonça Jorge e Duda Bentes examinam a questão sob o ângulo da imagem e perguntam: nos tempos atuais, a fotografia informa ou desinforma?

**Plataformas digitais e jornalismo subjetivista: tendências irracionalistas**, de Rafael Bellan Rodrigues de Souza, cujo assunto é a mecânica de produção construída pelas plataformas digitais e a proliferação de um tipo de jornalismo subjetivista; e **Desinformação e ódio: contribuições de Peirce, Simion e Sodré**, em que o autor Tarcísio de Sá Cardoso coteja os três teóricos para tentar explicar a cultura do ódio, fazem um mergulho reflexivo para analisar as tangentes entre jornalismo e desinformação.

Lidando com memória e imagem, temos **A desinformação na construção de pseudomemórias LGBTQIAP+**, assinado por Luís Carlos da Silva, Karla Cristiane de Oliveira Marcone, Geysianne Felipe do Nascimento, Fellipe Sá Brasileiro e Edvaldo Carvalho Alves e

**Estratégias de desinformação na produção de videoensaios**, de Emmanuelle Dias, Letícia Lopes e Felipe Borges.

Marcelo Barcelos, Fabia Ioscote, Cristiane Fontinha e Maria José Baldessar abordaram a tecnologia mais discutida no momento, no artigo: **Inteligência artificial generativa (IA gen) e vídeos-fake: corpos, pornografia e tecnologias de má-informação**. Nele, os autores se detêm sobre a escalada de materiais pornográficos falsos criados a partir de aplicativos.

Sob o tema *Eleições* – preocupação na cabeça de cidadãos, governos e políticos –, Tatiana Güenaga Aneas, Claudomilson Fernandes Braga e Beatriz Araújo Panza Pereira escreveram **A comunicação do TSE sobre as urnas eletrônicas no X durante as eleições de 2022: avanços e limitações**, enquanto Jorge Arlan de Oliveira Pereira adentrou o interessante tópico das relações mídia & política em: **Eleições 2018: o JN e sua linha editorial nas sabatinas de Haddad e Bolsonaro**.

Para terminar, dois trabalhos contêm um alerta quanto à questão dos jovens em meio ao panorama desinformativo: **Mídia e desinformação: consumo de notícias políticas pelos jovens paulistas**, de Egle Müller Spinelli e Isabela Afonso Portas; e **News Literacy: a potência do diálogo entre jornalismo e educação contra a desinformação**, de Beatriz Becker.

O dossiê *Desinformação & Fake News* não se encerra nesta publicação, pois temos a certeza de que todos os autores que enviaram trabalhos, selecionados ou não, continuam a prestar atenção ao fenômeno, complementando-o com novas ideias, outras leituras e artigos posteriores. A eles saudamos por movimentar um campo tão prolífico, e agradecemos a valiosíssima contribuição.

Reafirmamos nossa fé num jornalismo sério, ético e neutro, onde a avalanche de desinformação apenas ajude a fortalecer as ferramentas da informação correta, checada, e o respeito para com a audiência. Onde o jornalista volte a ter um lugar de destaque na sociedade como o profissional que questiona os poderes, vai atrás dos fatos, seleciona e expõe o que julga servir ao público, com a participação do próprio público.

Por fim, deixamos nossos agradecimentos ao conselho editorial e técnico da Revista Esferas pelo apoio, o que redundou neste gratificante resultado que ora apresentamos à comunidade acadêmica.

## Referências

Barbosa, M. (2019). *Pós-verdade e fake news. Reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Casares, A. B. (2010). *Antología de la literatura fantástica*. Buenos Aires: Debolsillo.

Figueira, J., & Santos, S. (2019). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Mello, P. C. (2020). *A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras.

Pena, P. (2019). *Fábrica de mentiras. Viagem ao mundo das fake news*. Lisboa: Penguin Random House.